

# A [TELE] VISÃO DOS EXCLUÍDOS: RECEPÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES DA HOMOSSEXUALIDADE NAS TELENÓVELAS DA GLOBO



Jéfferson Luiz Balbino Lourenço da Silva<sup>1</sup>

## Resumo

A telenovela é um dos produtos de mídia mais consumidos no Brasil. E, em consequência disso, existe por parte dos telespectadores uma identificação (ou não) com as tramas ficcionais haja vista que há na teledramaturgia nacional uma tradição em abordar temas que estão perpetuados no cotidiano da sociedade. Todavia, nem sempre tais temas são representados de maneira verossímil como, por exemplo, às representações que envolvem a homossexualidade. Sendo assim, o presente artigo, têm como intento analisar as representações da homossexualidade nas telenovelas América, Amor à Vida e Babilônia, todas produzidas pela TV Globo, a partir da noção de recepção. Num primeiro momento, isso será feito a partir da recepção que as representações da homossexualidade nas telenovelas da TV Globo tiveram na internet, espaço onde qualquer telespectador pode expressar publicamente sua visão. Através da recepção na internet pode-se verificar o alcance que às representações das homossexualidades nas telenovelas tiveram numa ampla escala. E, posteriormente, a análise se voltará para uma ótica específica, a de um grupo de homossexuais selecionados para esta pesquisa, ou seja, pessoas comuns, consumidoras de telenovela. Assim poderemos constatar como esses sujeitos enxergaram as representações ficcionais da homossexualidade. Para tal intento faremos uso de entrevistas temáticas para averiguar a recepção que o grupo de homossexuais tiveram dessas representações na teledramaturgia e, conseqüentemente, analisaremos os depoimentos a partir das teorias dos intelectuais Hans Robert Jauss, Alessandro Portelli e Serge Moscovici.

**Palavras-chave:** Recepção; Representações; Homossexualidade; Telenovela.

## Abstract

Soap Opera is one of media products which brazilian consume the most. And in consequence of that, there is an identification or not by the viewers with the fictional plot cause theres is in the national dramaturgy a tradition to tell about issues that is perpetuated in the brazilian' society. However, not always this themes are represented in a very true way, as an example of that, representation which tells about homosexuality. This article has as major go analyse the representation of homosexuality in soa operas like: America, Amor a Vida (Love for life) and Babilonia (Babylon), all of them briadcasted by TV Globo, in the reception context. In a first moment, this will be done in the context of reception which the representation of homosexuality in TV Globo soap opera had on internet, where any viewer can express publicly his overview. Through the context of reception on internet it may check it out the reach of such tv soap operas had in an ample scale. And, afterwards, the analise will become more specific to a certain group if honossexuals selected by this search such as ordinary people, soap.opera's consumers. By this way we can verufy how these viewers have seen such soap operas. To analyse that we will interview these viewers to check it out the reception of each group of homosexuals had watching in teledramaturgy and consequentely we will analyse other reports having as base the intelectual's theories of Hans Robert Jauss, Alessandro Portelli and Serge Moscovici.

**Keywords:** Reception; Representations; Homosexuality; Soap opera.

<sup>1</sup> Doutorando e Mestre em História (2019) pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/ASSIS). E-mail: [jefferson.balbino@ifpr.edu.br](mailto:jefferson.balbino@ifpr.edu.br)



## Introdução

*O que é escrito, ordenado, factual nunca é suficiente para abarcar toda a verdade: a vida sempre transborda de qualquer cálice.*

*Boris Pasternak*

Na atual conjuntura, sobretudo, devido à influência tecnológica, a telenovela consegue reunir as opiniões de quem assiste em um único território – o virtual, que é onde acontece a interação entre o público e a telenovela, em tempo real. Essa Nova Era substitui o longínquo comportamento em que as pessoas tinham em esperar o capítulo acabar para discutir sobre ele com a vizinha ou então no salão de cabelereiro. Graças à internet, atualmente, essa socialização é feita durante a exibição do capítulo, através das redes sociais, como, por exemplo, o Twitter e o Facebook. Portanto, “esse fenômeno tomou proporções que ultrapassaram as imagens televisivas. Pessoas de variados lugares se encontram na mesma conversa por meio das plataformas digitais”, inclusive, mudando o rumo das histórias pensadas pelos autores. Assim, “o usuário dessas redes pode até estar sozinho em seu lar, no entanto, através da rede social, está acompanhado por centenas, milhares, ou até mesmo milhões de pessoas que assistem a mesma programação televisiva”<sup>2</sup>.

Ao tratarem desse assunto, os pesquisadores Wesley Pereira Grijó<sup>3</sup> e Kairo Vinícios Queiroz de Souza<sup>4</sup> argumentam que quando a internet surgiu no Brasil os produtores de televisão a viam como uma grande rival. Eles temiam que ela fosse substituir a televisão tal como o rádio foi substituído a partir do surgimento da TV, em 1950. Contudo, na visão de Grijó & Souza, apontados pela metodologia de observatório do Obitel<sup>5</sup> na qual é verificada a relação entre a televisão e a internet no sentido de

---

<sup>2</sup> PAULA, Sara Espírito Santo de. MOREIRA, Benedito Dielcio. **Facebook**: o prolongamento do “tempo de vida” do personagem Felix, de Amor à Vida. In: Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2016, p. 4. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1377-1.pdf>. Acesso em 18/02/2020.

<sup>3</sup> Doutor em Comunicação pela UFRGS. Professor da Universidade Federal do Pampa, Campus São Borja-RS. Pesquisador do Observatório Ibero-Americano de Ficção Televisiva (Obitel).

<sup>4</sup> Pesquisador em produção cultural na Universidade Federal do Pampa – Campus São Borja.

<sup>5</sup> O Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva (OBITEL) é uma rede internacional criada em 2005 e formada por grupos de pesquisa de 12 países. Seu objetivo é traçar o diagnóstico e as perspectivas da ficção televisiva por meio do monitoramento anual e da análise comparada, quantitativa e qualitativa, dos vários formatos do gênero. Informações obtidas em: < <https://blogdoobitel.wordpress.com/>>. Acesso em 27/04/2020.



propagação e convergência de conteúdo, a internet se apresenta como uma aliada da televisão, uma vez que expande o conteúdo televisivo, como ocorre com a telenovela<sup>6</sup>.

Por conseguinte, será verificado como a homossexualidade e seus desdobramentos estiveram presentes nas telenovelas citadas, a partir da ótica de uma parcela homossexual da sociedade local de Jacarezinho (PR). Antes disso, porém, traremos algumas informações sobre as teorias que utilizaremos para analisar esse material.

A fim de verificarmos a maneira que as representações da homossexualidade foram vistas e compreendidas pelos telespectadores homossexuais que compõem o nosso grupo de depoentes, faremos uso de três estudos, sendo eles: a) o estudo da recepção, a partir do crítico literário alemão Hans Robert Jauss; b) o estudo das representações sociais, a partir do psicólogo social francês Serge Moscovici; e c) da metodologia da história oral, a partir de historiadores orais, dentre eles, o italiano Alessandro Portelli. Os estudiosos elencados serão fundamentais para analisarmos às narrativas pensando as representações homossexuais e, conseqüentemente, a importância da telenovela como publicização dos debates públicos sobre as demandas LGBT+.

Para a presente pesquisa, foram utilizados seis depoimentos (sendo quatro deles com homens gays e os outros dois com mulheres lésbicas). Esse seletivo grupo foi, previamente, selecionado (com idade, formação, classificação, grupo racial, religião e classes sociais distintas) e pertence ao município de Jacarezinho, região norte do Estado do Paraná.

### **Internet e Telenovela**

Atualmente, é cada vez mais comum assistir televisão e comentar na internet o conteúdo exibido. Isso, de certa maneira, acaba revertendo em publicidade para o programa televisivo, pois a partir do momento em que uma pessoa está somente na internet e se depara com uma repercussão referente a um programa televisivo, a tendência é que esse indivíduo sintonize a televisão para conferir o que está acontecendo algo que acarreta audiência para a emissora.

Através desse mecanismo tecnológico denominado internet, é possível aos autores de telenovelas redirecionar o rumo de suas narrativas para se adequar ao gosto

---

<sup>6</sup> GRIJÓ, Wesley Pereira; SOUZA, Kairo Vinícios Queiroz de. **A Telenovela na Internet: as estratégias do autor** Aguinaldo Silva. 2014. Disponível em: <[http://www.abciber.org.br/simposio2014/anais/GTs/wesley\\_pereira\\_grijo\\_121.pdf](http://www.abciber.org.br/simposio2014/anais/GTs/wesley_pereira_grijo_121.pdf)>. Acesso em: 27/04/2020.



dos telespectadores. Inclusive, vários novelistas utilizam-se da internet (numa espécie de termômetro) para promover um canal direto com seu público.

Nesse sentido, a internet, como advento tecnológico, tem assumido um papel vital nas sociedades modernas, pois quase tudo passa através de dados pela rede mundial de computadores. No Brasil, ela tem se espalhado entre todas as classes sociais e chegou até mesmo para as camadas menos favorecidas economicamente, mesmo que de maneira limitada. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad C), realizada pelo IBGE durante o ano de 2016 e divulgada em fevereiro de 2018<sup>7</sup>, 64,7% ou 116 milhões de pessoas (mais da metade da população do país) têm acesso à internet.

O fato de um aparelho atual de celular ser leve (em torno de 150 gramas) e ainda compacto é o que facilita o usuário utilizar a internet através do aparelho enquanto desenvolve outra atividade, como, por exemplo, assistir à telenovela.

Segundo o Instituto Ibope Conecta, numa pesquisa realizada “em 2018, 46% dos entrevistados disseram que ‘sempre’ navegam na internet enquanto assistem à TV. Em 2015, o índice era de 27%. Para isso, 81% prefere usar o smartphone ao invés do computador ou tablete.”<sup>8</sup>

Portanto, daí que surge a interatividade e rotatividade entre os dois meios de comunicação. E isso resulta num aumento de repercussão de um determinado programa televisivo, pois é uma maneira de divulgá-lo a internautas que não estavam assistindo aquele determinado programa. E é pensando nessa movimentação que muitas emissoras de televisão estão se tornando cada vez mais adeptas à transmediatização, levando produtos oriundos da TV para a internet e, assim, conquistando público nas duas esferas comunicacionais.

### **A Internet e sua intervenção na Telenovela Homoafetiva**

É notório que o brasileiro usa muito a internet enquanto assiste à televisão e, por sua vez, comenta através das redes sociais o que está assistindo. E, conseqüentemente, o que está gostando ou não na programação televisiva. É por isso que, frequentemente,

---

<sup>7</sup> Informações obtidas em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-internet-diz-ibge.ghtml>. Acesso em 25/11/2018.

<sup>8</sup> Informações obtidas em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/cresce-percentual-de-brasileiros-que-assistem-tv-e-navegam-na-internet-ao-mesmo-tempo-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em 25 nov. 2018.



*tag's*<sup>9</sup> relacionadas às telenovelas ficam entre os assuntos mais comentados na internet, ampliando a repercussão de algo exibido na televisão.

Frequentemente, os momentos decisivos das telenovelas em exibição conquistam os trending topics<sup>10</sup> do Twitter e, quando isso se torna relevante, é noticiado nos meios de comunicação e reflete também no mercado publicitário. Afinal, isso é visto como uma audiência diferenciada. Quando foi ao ar às cenas de beijo gay nas telenovelas *Amor à Vida* (2013-14) e *Babilônia* (2015), na TV Globo, estas ficaram no top entre os 10 assuntos mais comentados – em todo o mundo – da rede social Twitter.

A hashtag #BeijaFélix<sup>11</sup> causou tanta mobilização virtual que tal acontecimento despertou atenção e instigou o periódico britânico *Financial Times* a escrever uma reportagem para comentar o efeito da mobilização virtual dos internautas para a Globo exibir o beijo entre Félix e Niko na telenovela *Amor à Vida*. Na reportagem, o *Financial Times*<sup>12</sup> comentou que o apoio popular, aliado ao apoio do deputado federal Jean Wyllys, pressionou a TV Globo a exibir a cena do beijo gay no último capítulo dessa telenovela.

While Mr Wyllys has been campaigning for a Globo gay kiss for years, this time he was joined by hundreds of thousands of Facebook and Twitter users across Brazil, who used the hashtag “beijafelix” (“kiss Felix”) to put pressure on the network’s editors. Armed with the second-biggest Facebook community in the world, Brazilians have turned to social media to challenge the country’s social and political status quo, launching mass protests last year and threatening further demonstrations ahead of presidential elections in October.<sup>13</sup>

---

<sup>9</sup> “Tag” em inglês quer dizer etiqueta. As tags, na internet, são palavras que servem como uma etiqueta e ajudam na hora de organizar informações, agrupando aquelas que receberam a mesma marcação, facilitando encontrar outras relacionadas. Atualmente, na internet, as tags são relacionadas a diferentes conteúdos, como páginas de sites, postagens de blogs, fotos, programas para download, links e marcadores e até mesmo nas micro-mensagens do twitter e nos sistemas de busca como o Google. [Fonte: <https://www.tecmundo.com.br/navegador/2051-o-que-e-tag-htm>]. Acesso em 25/11/2018.

<sup>10</sup> Trending Topics ou TT's são uma lista em tempo real das palavras mais postadas no Twitter em todo o mundo. São válidos para essa lista as tagtemas e nomes próprios. A lista é exclusiva para usuários do Twitter, ou seja, é necessário estar logado para ter acesso aos Trending Topics. [Fonte: <https://twitter-brasil.hleranafesta.com.br/o-que-sao-trending-topics.htm>]. Acesso em 25/11/2018.

<sup>11</sup> Ver mais em: PORTAL LITORAL PB. **#BeijaFélix: Jean Wyllys faz campanha por beijo gay em ‘Amor à Vida’**. Disponível em: <<http://www.portaldolitoralpb.com.br/beijafelix-jean-wyllys-faz-campanha-por-beijo-gay-em-amor-a-vida/>>. Acesso em: 29/11/2018.

<sup>12</sup> É um jornal britânico de publicação diária em língua inglesa. Fundado em Londres, em 1888, pelos jornalistas James Sheridan e Horatio Bottoml. Atualmente, possui uma tiragem diária de 185.747 mil exemplares. Informações obtidas no portal do Financial Times – disponível em: <<https://aboutus.ft.com/en-gb/>>. Acesso em 18/02/2019.

<sup>13</sup> Ver mais em: FINANCIAL TIMES. **Gay kiss in soap opera Amor à Vida is landmark moment for Brazil**. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/3e63e502-8f66-11e3-9cb0-00144feab7de>>. Acesso em: 25/11/2018.



A matéria do periódico britânico ainda salientou o fato do beijo gay ser uma conquista num país que, embora seja transgressor com o carnaval, ainda é conservador quando o assunto é homossexualidade:

When the two men kissed during the finale of Brazil's hit soap opera *Amor à Vida* last week, the Latin American country came to a standstill. It was the first time Brazil's powerful Globo television network had aired a kiss between two male characters in its 49-year history – a turning point for a country that is still deeply conservative in spite of a reputation for carnival and skimpy bikinis. The controversial scene has since divided the nation. Evangelical politicians have rallied against Globo, filing a lawsuit against the network, while human rights campaigners have heralded the kiss as a victory for social media – Facebook and Twitter campaigns are credited with forcing Latin America's biggest television monolith to air the scene.<sup>14</sup>

O periódico britânico apontou, ainda, o fato de a direita conservadora criticar a telenovela por levantar bandeiras contra a homofobia e, de certa forma, incentivar essas minorias a lutarem por seus direitos sociais. O jornal citou o fato do então deputado federal – atualmente, presidente do Brasil –, Jair Bolsonaro atacar a TV Globo, dizendo que a emissora estava fazendo apologia à homossexualidade com a telenovela *Amor à Vida*: “Congressman Jair Bolsonaro, the rightwing former army chief known for blocking Brazil's anti-homophobia law, has also attacked Globo, accusing its authors of trying to “spread” homosexuality.”<sup>15</sup>

Deste modo, vemos que a internet é uma aliada da televisão e juntas colaboram para ampliar o processo de propagação de opiniões. Além disso, ela ajuda a traçar o perfil dos telespectadores e a maneira que eles estão recepcionando um produto televisivo.

### **A Recepção das Representações Homossexuais nas Telenovelas sob a Ótica de Depoentes Gays de Jacarezinho/PR**

Além do papel exercido pela internet na recepção<sup>16</sup> do gênero telenovela, discutiremos também os depoimentos realizados com telespectadores gays (homens e

---

<sup>14</sup> Ver mais em: FINANCIAL TIMES. **Gay kiss in soap opera Amor à Vida is landmark moment for Brazil.** Disponível em: < <https://www.ft.com/content/3e63e502-8f66-11e3-9cb0-00144feab7de>>. Acesso em: 25/11/2018.

<sup>15</sup> Ver mais em: FINANCIAL TIMES. **Gay kiss in soap opera Amor à Vida is landmark moment for Brazil.** Disponível em: < <https://www.ft.com/content/3e63e502-8f66-11e3-9cb0-00144feab7de>>. Acesso em: 25/11/2018.

<sup>16</sup> Podemos dizer que o conceito de recepção é criado a partir da *Poética*, de Aristóteles entre os anos 335 a.C. e 323 a.C. haja vista que em seu conjunto de anotações sobre a arte e a poesia da referida época. O filósofo grego (aluno de Platão e mestre de Alexandre, o Grande) demonstrou preocupação no que tange à qualidade de uma obra artística a partir da ótica e, por conseguinte, das experiências vivenciadas pelo receptor, ou seja, Aristóteles tinha o cuidado de trazer o receptor como elemento integrante de sua obra.



mulheres) sobre a representação teleficcionada da homossexualidade na teledramaturgia da TV Globo e sua recepção por esse público específico.

A seleção desses depoentes se justifica pelo fato de eles estarem inseridos ativamente na sociedade jacarezinhense, seja na militância LGBT local, seja na educação, seja como jovens que dialogam com outros jovens, seja como funcionários públicos que lidam com os mais variados tipos de pessoas no âmbito da esfera social local. Aliás, considerar a condição social e histórica dos depoentes é essencial visto que, segundo Portelli<sup>17</sup>, é possível identificar como os entrevistados constroem e atribuem significação às coisas.

Alguns depoentes optaram pela utilização de pseudônimo e outros preferiram utilizar seu nome real. Foram eles/elas os narradores: Leonel Carfi,<sup>18</sup> Diego Babinski,<sup>19</sup> Professor Rodrigo (pseudônimo),<sup>20</sup> Ana Lúcia,<sup>21</sup> Jaqueline Maciel,<sup>22</sup> e Gustavo Simão<sup>23</sup> (pseudônimo).

---

<sup>17</sup> PORTELLI. A. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010, p. 9.

<sup>18</sup> Leonel Carfi é natural de Jacarezinho (PR), tem 22 anos de idade, negro, foi criado pela avó (já falecida) e, atualmente, mora sozinho numa casa simples na comunidade Nossa Senhora das Graças, em Jacarezinho (PR). Leonel concluiu apenas o Ensino Fundamental, mas, por sua influência, militância e reconhecimento político alcançou um cargo comissionado na atual gestão municipal da cidade: é diretor da Secretaria de Assistência Social de Jacarezinho. Ele não esconde o desejo de disputar, como vereador, o próximo pleito eleitoral e, ainda, alega que muitas pessoas de seu bairro afirmam querer vê-lo no legislativo do município, ideia que muito lhe agrada, embora afirme que – por ora – não possui plena convicção de uma futura candidatura de sua parte. A entrevista com Leonel ocorreu no dia 03 de novembro de 2017. Ele optou por vir até mim, em minha residência. Alegou que se sentiria melhor e muito mais à vontade. Decisão que, prontamente, respeitei e aceitei.

<sup>19</sup> Diego Babinski é natural de Jacarezinho (PR), tem 26 anos, negro, após a morte da mãe e de se tornar independente financeiramente, opta por ir morar sozinho e, posteriormente, com um amigo. Atualmente, está afastado do trabalho por um problema na coluna vertebral, recebendo um auxílio-doença do INSS. Cursa o Ensino Médio através da modalidade EJA (Educação para Jovens e Adultos). É fundador da ONG Núbia Rafaela Nogueira, no município de Jacarezinho (PR), sendo “a única do Norte Pioneiro” do Paraná – como ele orgulha em dizer. Conheci-o a partir de um amigo em comum. Nossa entrevista aconteceu no dia 16 de novembro de 2017, às 19 horas, em minha residência. Assim como o entrevistado anterior, Diego, também, optou por vir até a minha residência, alegando ser mais viável para ele. Algo que respeitei, recebendo-o em meu escritório com muito respeito e gratidão.

<sup>20</sup> Rodrigo Silva (nome e sobrenome fictício) é natural de Ourinhos (SP). Atualmente, reside em Jacarezinho (PR), tem 35 anos, branco, reside com a mãe. É pós-graduado (lato sensu), formado em Ciências Biológicas. Trabalha como professor de biologia na rede pública estadual do Paraná. Conheci o depoente quando trabalhamos juntos numa mesma escola. Ao tomar conhecimento de sua sexualidade e de que gostava de telenovelas, convidei-o para participar da pesquisa. A entrevista foi realizada no dia 17 de novembro de 2017, também, em meu escritório, conforme preferiu o entrevistado.

<sup>21</sup> Ana Lúcia da Silva é natural de Jacarezinho (PR), tem 18 anos, reside com a mãe e a companheira. Possui Ensino Fundamental Incompleto. Desempregada. A indicação de Ana Lúcia deu-se por intermédio de sua esposa, Jaqueline. Embora tenha pouco estudo, demonstra possuir um vasto conhecimento, pois ela fala com tamanha propriedade sobre tudo que envolve a homossexualidade, algo que, aparentemente, conquistou com seu conhecimento de mundo, de vida, de suas leituras e militância. A entrevista foi realizada em 30 de novembro de 2017. A pedido da depoente gravamos a entrevista no Morro das Antenas, em Jacarezinho (PR).

<sup>22</sup> Jaqueline Maciel é natural de Jacarezinho (PR), tem 27 anos, reside com a companheira, Ana Lúcia, e a sogra. Possui Ensino Médio Profissionalizante. Desempregada. Conheço a depoente desde criança. Na



O contato inicial<sup>24</sup> com Leonel Carfi se deu por intermédio de uma ex-vereadora de Jacarezinho/PR. O que me chamou atenção ao vê-lo foi, sobretudo, o de ser um rapaz jovem, mas com muita vontade para melhorar a qualidade de vida de sua comunidade: o bairro periférico Nossa Senhora das Graças.

Em decorrência desse conhecimento prévio, ele foi escolhido para colaborar com a pesquisa. Expliquei a ele no que consistia a investigação e esclareci alguns pontos no que diz respeito à metodologia da história oral<sup>25</sup>. Exibi para o entrevistado as cenas de representações da homossexualidade e, conseqüentemente, do beijo gay nas telenovelas *América* (2005), *Amor à Vida* (2013-2014) e *Babilônia* (2015), inclusive, observei que ele se emocionou com a cena do beijo gay entre Félix (Mateus Solano) e Niko (Thiago Fragoso) na telenovela *Amor à Vida*. No entanto, durante a entrevista,<sup>26</sup> ele não quis se aprofundar nesse assunto, dizendo apenas que acha “linda qualquer história de amor impossível” e que por isso havia se emocionado.

O entrevistado seguinte foi Diego. Expliquei a ele no que consistia o cerne desta pesquisa e também exibi a ele as cenas de personagens homossexuais, juntamente, com a exibição de cenas com beijo gay nas telenovelas apontadas.

---

fase infantil, convivemos no mesmo espaço, fazendo as mesmas atividades numa escola infantil e, posteriormente, numa igreja evangélica. Quando soube que ela deixou de ser evangélica, separou-se do marido, revelou-se lésbica e que estava morando com outra mulher, pensei que seria muito proveitoso registrar seu depoimento. A entrevista foi realizada no mesmo dia da entrevista de sua companheira, em 30 de novembro de 2017, também no Morro das Antenas, em Jacarezinho (PR).

<sup>23</sup> Gustavo Simão (nome e sobrenome fictícios), é natural de Andirá (PR), tem 19 anos, reside sozinho. É universitário e bolsista de Iniciação Científica. O depoente é uma pessoa da qual tinha proximidade devido estudarmos na UENP, em Jacarezinho. Durante o período em que estudávamos na UENP, tínhamos contato dentro e fora do Campus da Universidade, partindo daí o convite para participar da pesquisa. A entrevista foi realizada em 19 de novembro de 2017, em meu escritório, a pedido do depoente.

<sup>24</sup> Durante o pleito municipal de 2014, ih tive ainda mais contato com Leonel. Na ocasião, pertencíamos ao mesmo grupo eleitoral, a chapa Tina e Lú – Por uma Jacarezinho Vencedora (PT e PSB), porém, no meio da campanha eleitoral, Leonel entristece com o andamento da campanha que ora apoiava e surpreende o nosso grupo político indo para a oposição, o que desencadeou muitas críticas ao rapaz. No entanto, continuou com sua premissa de lutar em prol de sua comunidade, exigindo do candidato da oposição um compromisso com seus pares.

<sup>25</sup> A história oral é um recurso moderno no campo historiográfico (embora seja, também, uma metodologia interdisciplinar) que utilizamos quando pesquisamos assuntos que transitam nas esferas da memória, de identidade e, por conseguinte, de sociabilidade. O historiador José Carlos Sebe B. Meihy afirma que passou a ser utilizada com maior frequência após a Segunda Guerra Mundial, momento em que possibilitou a criação dos gravadores. Assim, “[...] a história oral passou a ser um mecanismo para validar as experiências que não estão quase sempre registradas em documentos escritos e/ou então quando encontram-se registradas em documentos escritos elas têm outra mensagem, outra dimensão que quase sempre são de valor subjetivo. A história oral passa a ser, portanto, um tipo de narrativa onde a entrevista, particularmente, gravada ou filmada tenham um fundamento de registro em cima de um suporte material que varia, portanto, das possibilidades da documentação escrita.”

<sup>26</sup> As entrevistas produzidas na presente pesquisa foram realizadas com um gravador de voz para registrar os depoimentos proferidos por nosso grupo de depoentes/telespectadores homossexuais.



Devido ao fato de Diego ser um jovem negro que vem lutando para combater a homofobia em Jacarezinho (PR), atuando na militância gay de uma cidade de 40 mil habitantes que, apesar de ser uma cidade considerada polo estudantil, ainda mantém fortes traços de conservadorismo e preconceito enraizado em sua população, o entrevistado apresenta uma visão crítica das representações homossexuais na teledramaturgia.

Rodrigo não se agrada com as representações homossexuais televisivas que ele considera como estereotipadas haja vista que prefere representações do homossexual discreto, por acreditar que está mais próximo do que acontece em nossa realidade.

O último entrevistado homem foi Gustavo Simão (pseudônimo). Pensando nesse conhecimento aliado à pouca idade, senti necessidade de entrevistá-lo para essa pesquisa. O resultado foi algo muito surpreendente, porque ele viu as cenas de homossexualidade e, posteriormente, de beijo gay nas telenovelas da TV Globo, sob uma perspectiva racional e mercadológica.

Passando para as narradoras femininas, cabe esclarecer que elas formam um casal. O contato com Ana Lúcia ocorreu por intermédio de sua esposa, Jaqueline (a próxima depoente). Quando eu convidei Jaqueline para participar de minha pesquisa, ela sugeriu que convidasse, também, sua esposa, posto que ela sempre foi uma homossexual engajada em assuntos sociais. Ana Lúcia aceitou o convite, mas com uma ressalva: a gravação deveria ocorrer no alto do Morro das Antenas, em Jacarezinho (PR), pois lá seria “o melhor lugar” para ela refletir e falar sobre esse tema. É lá que Ana gosta de ir quando quer se sentir em paz, quando quer estudar, quando quer tomar seu “chá”.

Durante a entrevista, Ana falou por quase 16 minutos sobre o que é ser lésbica:

Eu me definir sexualmente ainda é uma coisa muito complicada porque há um ano e meio eu me descobri transexual não-binário<sup>27</sup>, então se eu me definir lésbica eu vou tá me reafirmando mulher, mas se eu não me dizer lésbica então o que eu sou? Mas por todas as dúvidas... lésbica. [sic]<sup>28</sup>.

A partir do depoimento de Ana Lúcia pode-se observar o quão conflitante é ser transexual não-binário numa sociedade que impõe até qual a nomenclatura deve ser utilizada por aqueles indivíduos que não compactuam da heterossexualidade, mas que também não se reconhecem como sujeitos homossexuais.

---

<sup>27</sup> Que não se reconhece em nenhum dos estereótipos de gênero correntes nos discursos dominantes, ou seja, nem homem e nem mulher.

<sup>28</sup> ANA LÚCIA, entrevistada em 30/11/2017.



Ainda, na entrevista Ana Lúcia também analisa a representação ficcional da lesbiandade na teledramaturgia produzida pela TV Globo:

[...] Com a representação eles vão conseguir mostrar o que é o amor [entre duas pessoas do mesmo sexo]. Antes de ir lá representar essa minoria que nós somos hoje, nós somos reduzidos a isso. Eles tão querendo mostrar o que há de mais valioso dentro de cada um de nós, que é o amor independente de sua etnia, sexualidade... E, eu acho isso muito plausível. [sic]<sup>29</sup>.

Em sua fala, Ana Lúcia reconhece a importância de representações homossexuais nas telenovelas visto que corrobora para difusão do amor independente de gênero. Contudo, a entrevistada rechaça o estigma de minoria que acompanha secularmente as pessoas que não se enquadram como heterossexuais. Minoria essa que se reverbera como exclusão basta ver que os homossexuais assim como as mulheres e os negros foram (e ainda são) excluídos da sociedade e também da História tal como aponta a historiadora francesa Michelle Perrot<sup>30</sup>. Sendo por essa razão que muitas vezes todas essas minorias (ou excluídos) são representados na telenovela a partir de estereótipos não condizentes com a realidade, afinal são ignorados tanto as conquistas como os atos de contestação da posição que esses grupos ocupam na sociedade.

Ana Lúcia ainda disse como gostaria de ser representada na ficção:

Por aquela que vai à luta e não tem essa de abaixar a cabeça pra ninguém, pra nada. Preconceito ele tá aí. Ele vai bater na sua porta todo dia quando você levantar de manhã e ver que é lésbica, mas você tem que abrir a sua porta e encarar ele, ser maior que ele. Você vai pra rua, você vai pro serviço, você vai pra escola, você vai pra onde você for e você vai ser amado pelo que você é. Não pela sua sexualidade, pela sua cor, pelo que você pode trazer, mas pelo que você vai mostrar, pelo que você faz pelas pessoas, pelo próximo. O ápice da minha representação [na telenovela] seria a luta, primeiramente. Depois eu gostaria bastante também que tivesse mais aquele lado pessoal porque eles mostram o lado do gay e tal, mas aquele lado mais meu, aquela coisa bem mais do âmago, bem mais íntima, sabe? Como foi a minha construção: “Ana, o que você sentiu?”. Então eu posso ir lá mostrar o que eu senti sem colocar isso num script, num roteiro, mas deixar eu falar, deixar o meu corpo falar, deixar a minha voz sair... Então seria muito legal. [sic]<sup>31</sup>.

Através de seu depoimento, a moça passa uma lição de coragem para enfrentar com a cabeça erguida o preconceito existente na sociedade. Não faz questão de ser aceita pela sociedade, mas exige o seu direito em ser respeitada.

<sup>29</sup> ANA LÚCIA, entrevistada em 30/11/2017.

<sup>30</sup> PERROT, Michelle. **Os excluídos da História**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

<sup>31</sup> ANA LÚCIA, entrevistada em 30/11/2017.



A nossa última depoente é Jaqueline. A moça teve durante boa parte de sua vida os estereótipos definidos pela sociedade: terminou o ensino médio, trabalhava, era evangélica praticante, casou-se com um rapaz que tinha um emprego fixo. Entretanto, ela sempre soubera que sentia atração física e sexual por outras mulheres, mas pela criação religiosa acreditava ser pecado e que Deus a libertaria desses “desejos carnis”. Todavia, chega um momento de sua vida em que começa a sofrer agressões físicas, verbais e psicológicas do marido. A partir daí sua vida muda, pois ela rompe sua união matrimonial, sai de casa, se assume bissexual (somente após conhecer a atual companheira que se define como lésbica) se envolvendo publicamente com outras mulheres. Sai da igreja e passa a frequentar terreiros de candomblé, promovendo uma reviravolta em sua vida. A depoente pondera que há uma urgente necessidade de haver nas telenovelas brasileiras uma lésbica negra e pobre sendo representada. De seu ponto de vista, dessa maneira, haveria uma representatividade para ela: “Queria ver uma lésbica negra [nas telenovelas] porque você não vê. Mas eu queria ver uma lésbica negra, forte mesmo, uma mulher que mostrasse que tá ali e, é isso aí... [sic]<sup>32</sup>”.

A partir da fala da entrevistada, percebe-se não somente a queixa e falta de representatividade de Jaqueline, mas à inexistência de uma lésbica negra, pobre e batalhadora que tenha sido representada nas telenovelas da TV Globo.

Conforme aponta a historiadora Verena Alberti<sup>33</sup>, o uso da metodologia da História Oral é essencial para analisarmos nossas fontes orais uma vez que é “[...] um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc.”<sup>34</sup>. Importa salientar que uma fonte oral complementa uma fonte escrita.

Outro fator que faz da história oral um mecanismo de grande utilidade nesta pesquisa é que ela pode servir de porta-voz às minorias (ou excluídos) sociais, pois:

tais usos políticos da história oral – em que a reafirmação de histórias anteriormente silenciadas pode permitir a afirmação de indivíduos, grupos sociais ou sociedades inteiras – estão ligados a uma tradição significativa e continuada em que a história oral tem se mostrado uma importante fonte para grupos políticos e movimentos sociais: no movimento das mulheres, para os sindicalistas e comunidades de classes trabalhadoras, para povos indígenas,

<sup>32</sup> JAQUELINE, entrevistada em 30/11/2017.

<sup>33</sup> ALBERTI, Verena. **História Oral: A Experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: FGV, 1989.

<sup>34</sup> ALBERTI, Verena. **História Oral: A Experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: FGV, 1989. p. 52.



para comunidade étnicas e de imigrantes, em política de gays e lésbicas, e para deficientes.<sup>35</sup>

Dessa maneira, na presente pesquisa, foi fundamental o uso da História Oral temática, uma vez que estamos trabalhando com as narrativas de alguns indivíduos. Portanto, não há outra maneira de explorar isso a não ser por intermédio dessa metodologia de pesquisa, sobretudo, por se tratar de um estudo que envolve aspectos histórico-sociais da atualidade.

Nesse sentido, percebemos que um testemunho oral propicia um novo caminho para a historiografia. O historiador/pesquisador não manuseará um documento escrito, mas, sim, um documento oral, cabendo a esse profissional, analisá-lo para fazer uso desse tipo de narrativa, argui-lo conforme os protocolos metodológicos do próprio campo.

É o que faremos mais adiante com as colaborações das pessoas homoafetivas que foram inquiridas sobre representações da homossexualidade nas telenovelas da TV Globo analisadas neste texto.

Ainda, sobre esse assunto, Portelli traz outros elementos para reflexão:

Obviamente, uma coisa que esta história compartilha com todas as outras é que nenhuma delas é exatamente como as outras. Nenhuma declaração individual se ajusta perfeitamente na grade cultural à qual pertence. Na verdade, a cultura não é uma grade (que é tão somente um recurso teórico útil), mas um mosaico no qual cada peça se encaixa com as outras, mas é diferente de todas elas. Uma das coisas que as ciências sociais geralmente se esquecem é que a cultura é formada por indivíduos diferentes uns dos outros – e é isso o que a história oral nos lembra.<sup>36</sup>

Respaldo-nos na concepção de Portelli, veremos que cada depoente aqui recrutado pode vir a ter uma determinada recepção – muitas vezes diferentes – sobre a maneira que a teledramaturgia, produzida pela TV Globo, representou a homossexualidade. E isso não faz com que uma recepção seja mais certa que a outra.

---

<sup>35</sup> THOMSON, Alistair. Aos Cinquenta Anos: Uma Perspectiva Internacional da História Oral. In: ALBERTI, Verena. FERNANDES, Tania Maria. FERREIRA, Marieta de Moraes. **História Oral: Desafios para o Século XXI**. Rio de Janeiro: Editora FioCruz, 2000. p. 60.

<sup>36</sup> PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010. p. 174.



## A leitura dos telespectadores homoafetivos

Para nortear-nos acerca da conceptualização de *recepção* iremos também respaldar-nos nas teorias do crítico literário alemão Hans-Robert Jauss.<sup>37</sup> Embora ele não seja o criador do conceito, foi com ele que a Estética da Recepção foi sistematizada. Seus estudos são cruciais para direcionar nossas análises acerca da recepção da representação teleficcional da homossexualidade nas telenovelas da TV Globo, a partir da leitura audiovisual de nosso grupo de depoentes homossexuais, escolhidos na cidade de Jacarezinho (PR).

O uso da estética da recepção se faz necessário na presente pesquisa já que uma das maiores preocupações dessa vertente é, justamente, colocar em ênfase a experiência estética do receptor de um produto artístico, ou seja, no nosso caso, se preocupar em relação à maneira que o telespectador gay (receptor) absorveu – e reagiu – à representação da homossexualidade nas telenovelas *América*, *Amor à Vida* e *Babilônia*. E, a partir daí, também, compreendermos a maneira que o telespectador acaba sendo um pouco autor da telenovela, ou seja, se torna um elemento ativo no processo de construção da obra e de troca de experiências. Afinal, numa telenovela que aborda uma temática tão polêmica quanto à homossexualidade, são imprescindíveis esses procedimentos de significação e significados.

Nesse contexto, é interessante ainda ressaltar a inter-relação que o telespectador em questão tem diante da telenovela, haja vista a importância de considerar nesse processo (para posterior análise) a experiência prévia do indivíduo com o mundo e a sua situação presente, pois assim iremos constituir a essência histórica do receptor. Inclusive, Jauss<sup>38</sup> afirma que há (ou pelo deveria haver) três estágios pelos quais o receptor passa ao formar sua própria interpretação acerca de uma obra: i) quando em contato com a obra o receptor identifica uma intenção que esta ocasiona; ii) a compreensão que propicia o desenvolvimento da interpretação do receptor; iii) a interpretação histórica que o receptor alcança.

Sendo assim, verificaremos como nossos depoentes interpretaram esse reconhecimento para verificarmos se houve, de fato, um reconhecimento/representatividade a partir da representação da homossexualidade na teledramaturgia brasileira.

---

<sup>37</sup> JAUSS, Hans Robert. **Pour une esthétique de la réception**. Paris: Tel Gallimard, 1994.

<sup>38</sup> JAUSS, Hans Robert. **Pour une esthétique de la réception**. Paris: Tel Gallimard, 1994. p. 47.



Embora estejamos tratando de *homossexualidade* e *teledramaturgia*, cabe considerar que nem todos os depoentes ouvidos aqui nesta pesquisa são consumidores vorazes do produto telenovela, uns assistem mais do que os outros. Entretanto, todos eles – em algum momento de suas vidas – assistiram a esse gênero televisivo. E ainda mais: todos eles assistiram, mesmo que espaçadamente, as telenovelas *América* (2005), *Amor à Vida* (2014) e *Babilônia* (2015). Portanto, todos os seis depoentes recrutados para a presente pesquisa estão aptos a exporem sua recepção diante da(s) representação(ões) da homossexualidade na telenovela brasileira.

Na visão de nosso primeiro depoente, Leonel Carfi, a representação homossexual trazida pelas telenovelas trouxe uma importância social às cenas em que ocorreram o beijo gay:

Achei muito surpreendente ver atores famosos se beijando na televisão, porque a gente é acostumado a ver homens beijando mulheres na televisão e quando a gente vê um casal LGBT se beijando. Então é, realmente, uma cena que foi, pra mim, muito surpreendedora. Agora o que eu achei em relação a essas cenas foi fantástico. Eu achei muito bom e muito importante, porque para que as famílias aceitem quando tem um ou outra na família que tenha essa opção. Nós temos várias pessoas que tem esse mesmo desejo, por isso achei que essas cenas nas novelas foi um incentivo para as famílias: abaixo o preconceito. [sic]<sup>39</sup>

Leonel enxerga a representação homossexual nas telenovelas da mesma forma que a emissora usa para justificar as cenas: como se fosse uma campanha social para reduzir com o preconceito. Uma espécie de medida de prevenção que a TV Globo toma, primeiro, para tentar educar as famílias, posteriormente, como medida para educar a sociedade em relação ao respeito com as pessoas homossexuais.

Através do discurso de Carfi, vemos que há uma aceitação da representação homossexual que as telenovelas em questão propuseram a fazer. Segundo o depoente, a representação de um casal LGBT se beijando é uma maneira de fazer com que as famílias que possuem algum membro homossexual entendam com naturalidade essa condição, deixando de lado o preconceito.

O depoente tece a seguinte menção sobre a sua recepção:

Eu me senti muito representado quando vi na Globo as novelas com os gays, muito representado. Eu estou falando por mim, mas posso até falar por muitos outros que têm mais idade do que eu, porque isso já era aguardado, há muitos anos atrás. Que viesse uma novela que tivesse uma cena assim. Não é

---

<sup>39</sup> LEONEL, entrevistado em 03/11/2017.



de agora esse desejo. Eu não esperava de agora, mas desde de 5, 10 anos atrás. [sic].<sup>40</sup>

Portanto, na alocução de Carfi, houve não apenas uma aceitação na representação teleficcionada da homossexualidade, como ainda uma representatividade. Observarmos, através desse depoimento que Carfi não consegue distinguir a significação da mídia na sociedade aderindo ao discurso imposto pelos produtores de televisão. Nota-se que se deixou manipular e não abstrai o interesse mercadológico que a televisão possui pelo público LGBT. Enfim, o depoente, assim como inúmeros indivíduos homossexuais espalhados pelo país afora, não percebe que a TV Globo traz para a ficção o protagonismo gay visando o lucro comercial. Por meio da inserção de tal temática em seus produtos audiovisuais, ela pode alcançar um grupo com poder aquisitivo.

No tocante ao incômodo que cenas de beijo entre dois homens e/ou duas mulheres ocasiona em uma parte do público que acompanha as telenovelas, Carfi explica:

Acho até normal, do meu ponto de vista, que algumas pessoas não gostaram de ver gays se beijando nas novelas, porque o não gostar de ver é um acomodismo [sic], porque são pessoas acomodadas a verem somente homem beijando mulher. Então, como isso nunca teve a nível nacional, uma cena como essa [de beijo gay], é realmente de causar uma grande repercussão. E daí vem repercussão das pessoas que tem preconceito contra as pessoas, a comunidade de LGBT e até aquelas pessoas que não têm preconceito contra gays, mas que ficaram surpresos porque nunca viram isso antes. Eu tenho na minha família pessoas que acompanham novelas há mais de 30 anos e nunca viu uma cena dessas, obviamente, quando ver a repercussão vem para gerar todos os aspectos sentidos. [sic].<sup>41</sup>

É curioso o modo que Leonel observa o beijo gay. Ele percebe o evento como algo inédito, nunca sequer visto antes, nem por seus antepassados e, por se tratar de algo – em sua visão – vanguardista, é perfeitamente normal que as pessoas se incomodem com esse tipo de representação da homossexualidade nas telenovelas.

A partir da reflexão do depoente, podemos compreender o beijo gay na telenovela enquanto fenômeno sociomidiático<sup>42</sup>, pois é um evento que, embora esteja

---

<sup>40</sup> LEONEL, entrevistado em 03/11/2017.

<sup>41</sup> LEONEL, entrevistado em 03/11/2017.

<sup>42</sup> Em nossa visão, o beijo gay em telenovelas pode ser visto como um fenômeno sociomidiático, haja vista que tem um grande alcance social que suscita inúmeras reflexões e, ainda, possui uma grande mobilização na mídia, sobretudo, no campo virtual da internet.



circunscrito no campo midiático, alcança e, conseqüentemente, dialoga com as mais variadas esferas da sociedade para o bem e para o mal!

Nas representações da homossexualidade na teledramaturgia brasileira, sobretudo, nas telenovelas estudadas nessa pesquisa, a descoberta da homossexualidade foi algo sempre tido como um momento doloroso, pois nem sempre há uma autoaceitação. Afinal, ninguém escolhe ser homossexual para carregar consigo uma gama de preconceitos e discriminações.

Na visão de Diego Babinski, a TV Globo está aos poucos tentando romper os preconceitos existentes na sociedade, porém, não representa os homossexuais em sua totalidade:

Eu vejo que a Globo tenta quebrar algumas coisas que a sociedade não é acostumada a ver, mas ao mesmo tempo, como é importante, isso tá passando na TV, você, às vezes, não vê a cena das duas senhoras lésbica como poderia ser: uma senhora lésbica pobre, negra... Mas não... Uma era advogada e a outra acho que era empresária... A cena do beijo gay: dois gays, brancos, bem-sucedidos... Nunca vê um beijo gay negro. O negro é colocado como empregada doméstica, como diz a sociedade “em trabalhos inferiores”. É importante, mas eu acho que se eu fosse escrever essa cena [de representação do homossexual] eu escreveria um gay de classe pobre, classe baixa ou classe média e negro ou tipo um negro e um branco... [sic].<sup>43</sup>

Sendo assim, observa-se a partir da recepção de Babinski, que a TV Globo conseguiu trazer para as telas uma certa representatividade dos homossexuais nas telenovelas aqui estudadas, conforme o próprio depoente aponta: “Sim, eu fui representado. Mas, é que nem aquela coisa: eu seria mais representado se fosse um beijo gay entre um negro. Se tivesse um negro na cena”<sup>44</sup>. Portanto, não houve por parte de Babinski (e certamente por parte de muitos outros telespectadores homossexuais) uma aceitação dessas representações, haja vista que a emissora privilegia atores brancos para protagonizarem esses momentos importantes na história de sua teledramaturgia. Além disso, as personagens em questão eram pessoas ricas, bem-sucedidas. Nessa direção, há uma exclusão dos homossexuais pobres e negros em tais representações teleficcionadas da homossexualidade.

Na visão de Babinski, os produtores trazem uma representação muito elitizada da homossexualidade, sendo, justamente, esse um fator destoante da realidade: “Só mostra o gay elitizado [...] a realidade é totalmente diferente”. Em sua visão, os produtores de teledramaturgia deveriam calcar mais na realidade, pois “a população

<sup>43</sup> DIEGO, entrevistado em 16/11/2017.

<sup>44</sup> DIEGO, entrevistado em 16/11/2017.



brasileira, é uma população que se prende muito na mídia. Então você só vai começar a mexer nos princípios de valores das pessoas quando a mídia falar sobre isso”<sup>45</sup>. Sendo assim, a mídia tem uma grande responsabilidade.

Ainda na visão do depoente, o fanatismo religioso é o que ocasionou o repúdio – por parte de uma parcela da sociedade – para o beijo entre Estela e Tereza, na telenovela *Babilônia*: “Não a religião em si, mas as pessoas que seguem uma religião, que tem aquele fanatismo religioso”<sup>46</sup>.

O depoente seguinte, o professor Rodrigo, também corrobora a concepção de Babinski. Para ele, a influência religiosa faz com que telespectadores mais conservadores reajam mal a uma cena de beijo entre pessoas do mesmo sexo nas telenovelas. O depoente relata: “Eu acho que a maioria [das pessoas] que se incomodam é por motivos religiosos, determinada religião não permite ou pelo fato mesmo de serem preconceituosos”.

Rodrigo também enxerga a representação da homossexualidade nas telenovelas de maneira unânime. Ele afirma: “Me senti representado [com as personagens gay das telenovelas], porque é uma forma da gente. Parece que é um pedacinho de nós que está sendo mostrado, como a gente vive, o que a gente faz...”<sup>47</sup>. Ou seja, o professor Rodrigo consegue se ver na representação ficcional da homossexualidade nas telenovelas. Para ele, há uma representatividade. Inclusive, ele se posiciona a favor na exibição de cenas com beijo gay “porque as pessoas têm que começar a encarar de uma forma natural uma pessoa gostar de uma outra pessoa do mesmo sexo. Então, a televisão, como atinge uma grande parcela da sociedade seria interessante que isso continuasse ocorrendo pra ir acabando um pouco com o preconceito”<sup>48</sup>. [sic]. Rodrigo vê, na telenovela, um elemento que, devido à sua força midiática, tem potencial para alcançar um grande número de pessoas e, assim, provocar nelas uma reflexão capaz de reduzir o preconceito que ora possuem.

Nosso outro depoente, Gustavo, como homossexual, se sente representado ao se deparar com a representação da homossexualidade nas telenovelas, mas não aceita esse tipo de representação:

Me senti e não me senti representado ao ver as cenas de beijo gay. Sim, porque as cenas eram de beijos gay e eu sou gay. Então era uma certa

<sup>45</sup> DIEGO, entrevistado em 16/11/2017.

<sup>46</sup> DIEGO, entrevistado em 16/11/2017.

<sup>47</sup> RODRIGO, entrevistado em 17/11/2017.

<sup>48</sup> RODRIGO, entrevistado em 17/11/2017.



representatividade só que, também, os atores que interpretaram os gays, pelo que eu vi só foram homens brancos, bonitos, sarados e ricos.<sup>49</sup>

Na visão do depoente, a melhor representação da homossexualidade na teledramaturgia seria: “Como de fato a comunidade gay é: heterogênea. Composta por gente negra, branca, gorda, “bonita”, por gente rica, pobre”. Ao contrário do que acontece, os produtores de televisão “representam só uma parcela da comunidade gay: os brancos, bonitos, ricos”<sup>50</sup>.

A representação caricata dos homossexuais nas telenovelas que imperou, sobretudo, nas décadas de 1970 e 1980, quando ocorre na atualidade ainda gera motivos para inúmeras críticas. Conforme já dito anteriormente, vários movimentos e associações de homossexuais condenam quando surge uma personagem homossexual caricata num enredo de telenovela, pois é como se os produtores de televisão, levassem ao ar uma mensagem que todo homossexual é performático, o que é uma inverdade, porém, na vida real, há pessoas que têm um comportamento mais livre.

Quando ocorre uma personagem de grande magnitude com esse tipo de comportamento, como, por exemplo, o Félix, de *Amor à Vida*, que mantinha elementos caricatos, ocorre insatisfação. Na construção de Félix, o autor utilizou metáforas e ambivalências. Ou seja, a essência da caricatura se fazia presente na personagem, que – em sua fase pobre – se vestia de um jeito que levava os telespectadores ao riso. Portanto, trazia um humor que o rebaixava, mas que não era algo perverso, até porque, caso fosse, não provocaria o riso. Na personagem Félix, em muitas situações, apareceu esse recurso, inclusive, há a possibilidade de ele não ter sido redimido pelo amor, mas que tenha assumido a outra faceta que já estava arraigada em sua personalidade.

Porém, muitas pessoas reagem contra tal tipo de representação. Em relação a esse assunto, Rodrigo faz a seguinte alegação:

Ah, não sei [como gostaria de ser representado numa telenovela]... Eu acho assim que, às vezes, eles colocam alguns tipos de personagens bem característicos como um que já é afeminado, né? Então poderia pôr mais personagens assim: um homem natural, que seja masculino e que [ao mesmo tempo] seja gay, sem trejeitos, também. Porque existem vários tipos, não é só os que tem trejeitos, né? Poderia ser uma maneira [de representar os homossexuais]. [sic].<sup>51</sup>

<sup>49</sup> GUSTAVO, entrevistado em 19/11/2017.

<sup>50</sup> GUSTAVO, entrevistado em 19/11/2017.

<sup>51</sup> RODRIGO, entrevistado em 17/11/2017.



Quando o entrevistado menciona que os produtores de TV “colocam alguns tipos de personagens bem característicos como um que já é efeminado”, Rodrigo demonstra sua dificuldade em se ver como um “deles” o que indica uma dificuldade do mesmo em se ver como um homossexual que pertencem ao mesmo grupo dos homens gays efeminados<sup>52</sup>. O professor Rodrigo, na sua recepção, refuta esse protótipo de personagem gay, pois acha que a televisão deve trazer o homem gay sem trejeitos. Todavia, é importante também haver a representação do homossexual efeminado, até porque ele existe em nossa realidade, porém, sem ter sua participação ligada ao ridículo, como acontece à exaustão com as personagens homossexuais em programas humorísticos.

A representação do gay espalhafatoso é fundamental, uma vez que irá incomodar os conservadores e preconceituosos. Inclusive, quando há uma personagem gay efeminado, tendo uma trama séria por trás, geralmente, não “cai” no gosto do público que, em sua maioria, são pessoas conservadoras. A despeito disso, Moscovici explica o motivo de determinadas representações como essa não serem aceitas:

O ato da re-apresentação é um meio de transferir o que nos perturba, o que ameaça nosso universo, do exterior para o interior, do longínquo para o próximo. A transferência é efetivada pela separação de conceitos e percepções normalmente interligados e pela sua colocação em um contexto onde o incomum se torna comum, onde o desconhecido pode ser incluído em uma categoria conhecida. Por isso, algumas pessoas irão comparar a uma “confissão” a tentativa de definir e tornar mais acessíveis as práticas do psicanalista para com seu paciente – esse “tratamento médico sem remédio” que parece eminentemente paradoxal a nossa cultura<sup>53</sup>.

O autor afirma que aquilo que nos é estranho, o que não nos pertence, o que vai contra os nossos princípios, é o que nos incomoda. Posto isso, é essencial que continue a existir tais tipos de representação homossexual. Em sua perspectiva, se elas não ocorrem, não irão incomodar e, se não inquietar os preconceitos, continuarão descartando a existência dessas pessoas, pois essas só:

incomodam exatamente porque estão aqui, sem estar aqui; eles são percebidos, sem ser percebidos; sua irrealidade se torna aparente quando nós estamos em sua presença; quando sua realidade é imposta sobre nós – é como se nos encontrássemos face a face com um fantasma ou com um personagem na vida real; [...] Então algo que nós pensamos como imaginação se torna

<sup>52</sup> PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010. p. 14.

<sup>53</sup>MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Tradução de Pedrinho A. Guareshi. 11ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 56-57.



realidade diante de nossos próprios olhos; nós podemos ver e tocar algo que éramos proibidos<sup>54</sup>.

Por todas essas razões expostas, são essas representações que, muitas vezes, são ignoradas e não percebidas que vão colaborar para barrar o preconceito, incluindo aquele existente entre os próprios homossexuais.

Ainda acerca de tal problemática, Moscovici apresenta uma solução para as representações que fabricamos serem aceitas com normalidade:

Quando tudo é dito e feito, as representações que nós fabricamos – duma teoria científica, de uma nação, de um objeto, etc. – são sempre o resultado de um esforço constante de tornar comum e real algo que é incomum (não familiar), ou que nos dá um sentimento de não familiaridade. E através delas nós superamos o problema e o integramos em nosso mundo mental e físico, que é, com isso enriquecido e transformado. Depois de uma série de ajustamentos, o que estava longe, parece ao alcance de nossa mão; o que parecia abstrato, torna-se concreto e quase normal. Ao criá-los, porém, não estamos sempre mais ou menos conscientes de nossas intenções, pois as imagens e ideias com as quais nós compreendemos o não usual (incomum) apenas trazem-nos de volta ao que nós já conhecíamos e com o qual nós já estávamos familiarizados há tempo e que, por isso, nos dá uma impressão segura de algo “já visto” (*déjà vu*) e já conhecido (*déjà connu*).<sup>55</sup>

Retornando para o campo da recepção dos depoentes, deparamo-nos com a pertinente observação de Ana Lúcia que, inclusive, justifica o porquê de o casal de lésbicas da telenovela *Babilônia* não ter tido boa recepção junto ao público da trama escrita por Gilberto Braga.

[...] Eu acho que tem muita coisa ainda que não é falado e, às vezes, eles desfocam de uma coisa que seria realmente importante de ser mostrada naquele momento para a compreensão de quem tá ali assistindo e focam numa outra coisa que pode dar Ibope, uma ligação a trama e isso é foda. Eu acho que eles têm que fazer da forma correta até o ponto que mostram como aquilo tem que ser mostrado e depois desenvolve. Primeiro, [tem que mostrar que] a Marina é lésbica, a Marina chegou ali, a Marina teve uma luta, a Marina é a Marina... Depois a Marina ama Cláudia, a Marina casou com não sei quem... É uma coisa assim que eles [os produtores de televisão] deveriam tá focando mais pra acontecer essa coisa de autorepresentatividade. Nós vamos começar a se identificar com os personagens a partir do personagem, da forma que o personagem se posiciona e se abre. É aí que vamos ver o que ele tem pra nos oferecer e qual é o nosso grau de identificação com ele. [sic].<sup>56</sup>

<sup>54</sup> MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. Tradução de Pedrinho A. Guareshi. 11<sup>a</sup>. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 56.

<sup>55</sup> MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. Tradução de Pedrinho A. Guareshi. 11<sup>a</sup>. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 58.

<sup>56</sup> ANA LÚCIA, entrevistada em 30/11/2017.



A visão de Ana Lúcia alinha-se a uma perspectiva mercadológica e social, pois, para o público da telenovela torcer e, por conseguinte, se envolver com um casal homoafetivo, os autores devem promover uma explanação sobre a história de amor daquele determinado casal, explicando quem são eles e o que passaram para chegar até ali. Essa medida já é adotada com casais heterossexuais. E com isso feito, certamente, irá alcançar alguma empatia tanto em telespectadores heterossexuais como também junto ao público homossexual, que poderá, ou não, se identificar com a representação exposta ali. E vemos que foi essa a estratégia adotada pelo novelista Walcyr Carrasco em *Amor à Vida*.

No entendimento da depoente, quando uma telenovela trouxer uma representação da transexualidade, os produtores deveriam escalar uma atriz ou ator transexual para vivenciar a personagem:

Tá na hora de falar a verdade, tá na hora de ir pra televisão então – já que é pra mostrar uma realidade – falando a verdade. O que é ser homossexual no dia a dia. Não é você [falar]: “Ah, vai ter uma transexual na novela”. E você vai lá e contrata um Bruno Gagliasso pra se vestir de mulher, não. Você tem que ir lá e pegar uma transexual [pra fazer aquela personagem]. Você não vai estar [sic] dando pra ela só um emprego, mas uma oportunidade de vida, de visibilidade o que já seria um começo. [sic].<sup>57</sup>

Jaqueline corrobora a opinião da companheira, a depoente Ana Lucia, no sentido de os produtores trazerem mais fatos reais para a representação ficcional da homossexualidade:

Se eles [produtores de telenovela] retratassem mais a verdade, após os bastidores, colocando alguém real pra fazer um papel real, eu acho que seria muito bacana [mostrando o que] uma lésbica passou pra tá ali. Como foi? Não só o fato dela chegar a ter um relacionamento com outro personagem, mas contar o que aconteceu com ela. Como ela se auto descobriu? Como foi pra ela? Como foi na casa dela? Porque a maioria dos pais não tem dimensão disso. Seria muito bacana... [sic].<sup>58</sup>

Não obstante, a plausibilidade é o que a maioria dos depoentes/telespectadores gays espera da representação da homossexualidade nas telenovelas.

A depoente Jacqueline traz uma indagação pertinente ao fato de a TV Globo ter vetado o beijo gay no último capítulo da telenovela *América* (2005) e ter exibido no desfecho de *Amor à Vida* (2013-2014):

Olha, eu acho que eles [a TV Globo] estava tentando agradar [a população LGBT]. Quando tentaram esconder a cena [de beijo gay gravada para ir ao ar no último capítulo da telenovela *América* (TV Globo/2005)] foi para agradar a família tradicional. Agora já não tem como esconder, Pablo Vittar tá

<sup>57</sup> ANA LÚCIA, entrevistada em 30/11/2017.

<sup>58</sup> JAQUELINE, entrevista em 30/11/2017.



cantando aí... O que é Pabllo Vittar lá na Globo? Pisa mais! Pisa mais!<sup>59</sup>  
(risos). [sic].<sup>60</sup>

No pensamento de Jaqueline, a TV Globo ora demonstra estar do lado do grupo de telespectadores conservadores, ora demonstra estar ao lado da comunidade LGBT. Entretanto, não podemos considerar tal afirmação, haja vista que a emissora, ao abordar temáticas homossexuais em sua teledramaturgia, visa apenas à ampliação de seu público, por meio de certas estratégias (inclusive, comerciais) para assim manter-se no poder.

Esse ponto incisivo merece argumentação, afinal não foi o aspecto social, moral e humanitário da TV Globo que a levou a produzir de maneira exaurida inúmeras telenovelas e personagens homossexuais em sua programação. Muito pelo contrário, é devido ao crescente número de homossexuais presentes em nossa sociedade. E esse foi um dos pontos que esteve presente na percepção do depoente Gustavo Simão.

Eu acho que o objetivo da Globo em produzir cenas e novelas que abordam essa temática é, justamente, o mercado, porque atualmente o mercado como a gente pode ver nos comerciais, no cenário musical, no cenário cinematográfico, há uma grande inserção das minorias e isso tem dado bastante Ibope para as artes que se utilizam dessas minorias. Então, eu acho que o objetivo dela [TV Globo] é muito mais mercadológico do que ideológico. [sic].<sup>61</sup>

Ainda na visão de Gustavo, independentemente de ter havido um envolvimento mercadológico por trás, a representação mais abrangente da homossexualidade nas telenovelas, em algum momento aconteceria, afinal “a teledramaturgia é uma arte que ficcionaliza a vida, era de se esperar que cedo ou tarde ela iria retratar casais homossexuais”.

Não é só a TV Globo que vem dando alguma visibilidade para a comunidade LGBT. Atualmente, temos visto cada vez mais peças publicitárias de empresas multinacionais (ou não) trazerem casais homoafetivos para estrelar campanhas publicitárias. Todavia, isso se deve, sobretudo, porque o consumo do público LGBT aumentou de maneira considerável nos últimos anos.

O potencial de consumo do mercado LGBT no Brasil é de R\$ 418,9 bilhões, o equivalente a 10% da riqueza produzida no país. É o que indica estudo feito há um ano pela consultoria norte-americana Out Leadership. Os números são importantes para mostrar o foco com que empresas como O Boticário, Gol e Skol abordaram, de diferentes formas, casais homossexuais em um

<sup>59</sup> Gíria homossexual para classificar êxito. Embora não iremos trabalhar essa dimensão, cabe esclarecer que se trata de um tipo de recurso linguístico adotado pelos homossexuais.

<sup>60</sup> JAQUELINE, entrevista em 30/11/2017.

<sup>61</sup> GUSTAVO, entrevistado em 19/11/2017.



movimento que, em alguns casos, continuou com um intenso debate nas redes sociais contra comentários homofóbicos e ameaças de boicote.<sup>62</sup>

A declaração de Gustavo torna-se pertinente visto que as representações homossexuais na teledramaturgia ocorrem – em primeiro momento – para atrair audiência dessa minoria social que se destaca consideravelmente nas sociedades modernas.

Outro aspecto necessário que é observado – pelo depoente – no tocante à telenovela como artefato para coibir (ou então minimizar) o preconceito e a homofobia é que não deve recair totalmente sobre um produto artístico tal responsabilidade. Segundo ele, essa responsabilidade é da educação:

Apesar dela [telenovela] ser uma arte que chega a muitos, acho que o poder dela em questão de transformações é muito reduzido. Ela como arte só consegue retratar a realidade como ela é. Acho que o papel dela é esse, eu não vejo mais do que isso. Pra diminuir o preconceito, deveria se focar em outras coisas, como educação. [sic].<sup>63</sup>

A visão da depoente Ana Lúcia a respeito desse assunto converge com a reflexão de Gustavo. A depoente em questão afirma que “a ignorância do brasileiro é alta demais”, sendo por isso que, dificilmente, a telenovela irá conseguir extinguir a homofobia no Brasil. E isso ocorre porque o brasileiro:

vai ver uma novela ali e não vai procurar saber mais depois. Se ele tiver um filho que ele desconfia que é gay, ele não vai ter certeza, ele pode não gostar daquilo, ele pode não achar aquilo legal e essa novela não ajudou em nada acabar com o preconceito daquele pai, porque é educação, é aquela coisa de cultura, esse pai foi criado assim: homem tem que ser macho, pôr a mão no saco e comer todo mundo, macho tem que ser forte. E já criou a mulher pra ser frágil, delicada, vai lá e faz isso, ele quer, ele gosta... [sic].<sup>64</sup>

Ainda, em seu depoimento, Ana chama atenção para o fato de a TV Globo apoiar politicamente pessoas que são contra as pautas dos grupos de militância homossexual e, ainda assim, promover uma representação emancipatória da homossexualidade em suas telenovelas e também fazer campanhas sociais contra a homofobia. Entretanto, a depoente acredita que há alguém da emissora que traz essas representações para a teledramaturgia como uma maneira de conter a homofobia que cresce a níveis assustadores em nosso país. Percebe-se que a depoente mais nova e aquela que não tem um nível de instrução elevado é a que mais tem clareza e um senso crítico de sua realidade.

---

<sup>62</sup> Ver mais em: <http://atarde.uol.com.br/economia/noticias/1785135-consumo-do-publico-lgbt-e-ate-4-vezes-acima-da-media>, n.p. Acesso em 27/11/2018.

<sup>63</sup> GUSTAVO, entrevistado em 19/11/2017.

<sup>64</sup> ANA LÚCIA, entrevista em 30/11/2017.



Há outros depoentes que acreditam que, sozinha, a telenovela nunca irá conseguir minimizar a homofobia, uma vez que essa função não compete a esse gênero televisivo, como enxerga Gustavo:

Acho que a novela não pode se misturar com educação até porque a arte não pode ser didatizada. Não pode mostrar um caminho.... Isso é papel da educação, da cultura – que eu digo – elaborada, da cultura de conhecimento mesmo, não artístico, da cultura intelectual mesmo. Acredito que só por meio dela que pode haver transformações, a arte ajuda, mas ela não pode ser considerada um instrumento pra acabar com o preconceito, ela pode ajudar para que isso aconteça da forma que anda acontecendo, mostrando mais a realidade da comunidade, mas ela não pode ser considerada um instrumento pra acabar. A contribuição da novela é muito pouca em face da contribuição da educação<sup>65</sup>.

O depoimento de Gustavo sobre a homofobia é extremamente oportuno, visto que a questão da homofobia está ligada a outras questões sociais, como a pobreza, o generocídio, o racismo etc. E isso é interessante de ser observado, pois nenhum indivíduo gay carrega consigo só a homossexualidade, há outros elementos sociais vinculados à sua formação identitária.

Sendo assim, vemos que a recepção das representações da homossexualidade na teledramaturgia é algo complexo, uma vez que, mesmo inseridos numa esfera social em comum, cada sujeito tem um olhar diferenciado para um mesmo evento social, mas num ponto, todos são unânimes: precisa haver cada vez mais representações da homossexualidade na telenovela. E representações abrangentes, que contemplem os sujeitos homossexuais em sua totalidade e não excluindo determinados tipos.

### **Considerações Finais**

O tema que encaminhou esta pesquisa científica perscrutou sobre a visão de mundo que passa pela telenovela brasileira, uma vez que a teledramaturgia está trazendo, sobretudo a partir dos anos 2000, diversos tipos de representações do campo da homossexualidade. Sendo assim, o foco da pesquisa volta-se para o exame das telenovelas *América* (2005), *Amor à Vida* (2013-2014) e *Babilônia* (2015). O propósito foi compreender e analisar como essas representações foram construídas nesses folhetins televisivos, bem como investigamos como foi a recepção da homossexualidade nesse gênero televisivo.

A partir da recepção desse grupo de homossexuais de Jacarezinho (PR), vemos que as representações da homossexualidade na telenovela brasileira vêm proporcionando algum avanço na pauta LGBT. Vemos que a atual representação do gay

---

<sup>65</sup> GUSTAVO, entrevistado em 19/11/2017.



teve alguma alteração em relação ao período anterior. Notamos que ainda não acontece uma representação ampla, posto que não vimos ainda uma lésbica negra e pobre tendo um protagonismo numa telenovela das nove da TV Globo.

Portanto, embora haja para alguns depoentes uma representatividade em relação as representações homossexuais exibidas nas telenovelas da TV Globo, ainda não há totalmente uma aceitação de tais representações. Isso porque elas ainda excluem algumas causas urgentes das minorias que pertencem ao grupo de homossexuais, mesmo que essas representações possam ser relevantes para uma parcela desse grupo de minoria que se vê representado ficcionalmente. Com isso, a análise desenvolvida mostra que a telenovela, um objeto aceitável e acessível, traz para o público uma hibridação da temática homossexualidade, uma causa ainda pouco acolhida na esfera social.

**Data de submissão:** 30/04/2020

**Data de aceite:** 07/07/2020



### Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. **História Oral: A Experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: FGV, 1989.

GRIJÓ, Wesley Pereira; SOUZA, Kairo Vinícios Queiroz de. **A Telenovela na Internet: as estratégias do autor Aguinaldo Silva**. 2014.

JAUSS, Hans Robert. **Pour une esthétique de la réception**. Paris: Tel Gallimard, 1994.

MEIHY, José Carlos Sebe B. **Prostituição à Brasileira**. São Paulo: Contexto, 2015.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Tradução de Pedrinho A. Guareshi. 11<sup>a</sup>. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

PAULA, Sara Espírito Santo de. MOREIRA, Benedito Dielcio. Facebook: o prolongamento do “tempo de vida” do personagem Felix, de Amor à Vida. *In: Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. 2016, p. 4. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1377-1.pdf>. Acesso em 18/02/2020.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

THOMSON, Alistair. **Aos Cinquenta Anos: Uma Perspectiva Internacional da História Oral**. *In: ALBERTI, Verena. FERNANDES, Tania Maria. FERREIRA, Marieta de Moraes. História Oral: Desafios para o Século XXI*. Rio de Janeiro: Editora FioCruz, 2000.

